



SOZINHA E MÃE: UMA ANÁLISE DE GÊNERO EM NOTÍCIAS SOBRE A EPIDEMIA DE ZIKA

Paulo Renato Rodrigues Pimentel¹

Luiz Felipe Zago²

Resumo

Este trabalho é produto de uma pesquisa em andamento que objetiva apontar como se produzem os lugares das mulheres, dos homens e das crianças nas notícias sobre a epidemia de zika, através da análise de textos divulgados em dos dois veículos de comunicação. Nos meses iniciais do ano 2016, houve um aumento no registro de casos de dengue, zika vírus, e febre chikungunya, enfermidades que têm o mosquito aedes aegypti como vetor de transmissão. Os meios de comunicação de massa têm investido fortemente na possível hipótese de associação do zika vírus ao aumento de casos de nascimento de crianças com microcefalia em certas regiões do Brasil, especialmente no Nordeste. Como parte metodológica foi selecionado um total de vinte notícias entre os dois veículos escolhidos, em um recorte temporal dos meses de janeiro, fevereiro e metade do mês de março. Essas mães são caracterizadas pelos veículos como sozinhas, desinformadas e infelizes. As crianças com microcefalia são enquadradas no campo do indesejável, responsáveis pela infelicidade das mães. A figura do pai é quase inexistente nas notícias, transferindo a responsabilidade da criação da criança com microcefalia somente para mãe.

Palavras-chave: Estudos Culturais; saúde; Comunicação de massa;

INTRODUÇÃO

Este trabalho está vinculado a um projeto em andamento desde 2014, que analisa para quem e sobre quem se dirigem os textos das políticas públicas de saúde vigentes no Brasil hoje. As áreas de abrangência do projeto são saúde coletiva e comunicação social, e são correlacionadas por meio da análise dos modos como notícias representam o processo saúde-doença de certas epidemias. Nesta pesquisa, preocupamo-nos em analisar a participação dos veículos de comunicação de massa na construção de lugares e posições para sujeitos no processo saúde-doença da epidemia de zika vírus no Brasil.

Nos meses iniciais do ano 2016, houve um aumento nos registros de casos de dengue, zika vírus, e febre chikungunya, enfermidades que têm o mosquito aedes aegypti como vetor de transmissão. Os meios de comunicação de massa têm investido fortemente na possível hipótese de associação do zika vírus ao aumento de casos de nascimento de crianças com microcefalia em certas regiões do Brasil, especialmente no Nordeste.

Esta pesquisa preocupa-se em analisar e compreender quais posições de sujeito são forjadas através dos textos de notícias publicadas em dois veículos de comunicação em suas

1 Aluno do curso de graduação de Comunicação Social- Jornalismo – Bolsista FAPERGS – paulojrpimentel@gmail.com

2 Professor do Curso de Comunicação Social habilitação em Jornalismo e Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil - Canoas - professorluizfelipezago@gmail.com

plataformas online (Diário de Notícias e Folha de São Paulo) para as mulheres, os homens e os bebês com microcefalia.

É necessário entender os meios de comunicação de massa como produtores de conteúdos que constroem e determinam lugares para os sujeitos, através das falas, bem como proferem instruções de como cuidar dos seus corpos e vigiar sua saúde para que possamos dimensionar a complexidade do problema em questão.

METODOLOGIA

Como parte da metodologia adotada para o desenvolvimento desta pesquisa, selecionamos dois veículos de comunicação de massa, em plataforma online: Folha de São Paulo e Diário de Notícias. Justificamos a escolha destes pelo fato dos mesmos disponibilizarem uma quantidade razoável de conteúdo gratuitamente aberto na rede.

Após a escolha dos veículos fizemos pesquisas nos respectivos sites utilizando as palavras-chave Zika e microcefalia, em um recorte de tempo relacionado aos meses de janeiro de 2016, fevereiro de 2016 e metade do mês de março de 2016. Foram encontradas um total de vinte notícias relacionadas ao tema divididas nos três primeiros meses de 2016. Operando com as balizas da análise cultural, dos Estudos Culturais, foram selecionados fragmentos de textos que mostram como são aí representados estes três sujeitos: as mulheres, os homens e as crianças. Forja-se lugares para esses sujeitos por meio de falas de autoridades, como Ministro da Saúde, médicos e outros especialistas, também a partir dos relatos das próprias mães de crianças com microcefalia, supostamente associada ao zika vírus.

Os fragmentos destacados nas notícias foram lidos e neles buscamos palavras que constroem lugares para cada sujeito analisado: mãe, pai, criança com microcefalia.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como parte das análises desempenhadas até o momento apresentamos os seguintes trechos destacados nas notícias:

"É um absurdo. Já passou da hora de o ministério fazer essa recomendação [não engravidar]. As mulheres que estão engravidando neste momento estão desesperadas", diz o médico Artur Timerman. (05.02.2016, Folha de São Paulo).

Este primeiro trecho destacado exemplifica como se posicionam alguns médicos e especialistas no que diz respeito a epidemia de Zika e microcefalia, homens que enunciam discursos a respeito da maternidade, bem como sugerem que providências devem ser tomadas pelo Ministério da saúde. O jornal relata uma mulher desesperada com a possibilidade de ser mãe de uma criança anormal.

Milena Carneiro da Paixão, 28, trabalha seis dias por semana das 7h30 às 16h, pesando pratos em um restaurante por quilo no Recife. Ela ganha um salário mínimo (R\$ 880). "Tenho declarações provando que levei Davi ao médico, mas o patrão não aceita: quer descontar do meu salário ou tirar minha folga." (05.02.2016, Folha de São Paulo).

O patrão de Milena não aceita que ela leve seu filho com microcefalia para o médico, algo necessário, pois a doença exige estímulos desde os primeiros meses após o nascimento, para um desenvolvimento da criança. Novamente um homem emerge no texto da Notícia como uma figura limitadora, na relação com essa mãe funcionária de sua empresa. O relato acima mostra as condições de vulnerabilidade a que estão expostas as mães de crianças com microcefalia no Nordeste, (região do Brasil onde houve as primeiras manifestações da epidemia). Também mostra que as mulheres afetadas pela epidemia de zika pertencem a uma

determinada classe social. Entende-se que essa mulher está vulnerável em sua condição de trabalhadora e em sua condição de mãe, conforme demonstra a notícia.

"Essas mães chegam fragilizadas, vivenciam ainda um processo de luto. Sofrem discriminação. Até mesmo das outras mães que aguardam atendimento aqui. Algumas mães cobrem o rosto dos filhos e não tiram. Isso tudo dificulta o vínculo com o bebê", contou a assistente social Clemeilda Pereira, coordenadora do programa. Já houve caso de mãe que rejeitou o tratamento. Outra, trancou a porta de casa ao ser procurada por agentes de saúde. (22.02.2016, Diário de Notícias)

Conforme este fragmento destacado da notícia publicada pelo Diário de Notícias, através dele constrói-se um lugar para que a mulher mãe de uma criança com microcefalia ocupe na sociedade. Essa mulher conforme a notícia é "fragilizada", "sofre discriminação" e "vivencia um processo de luto". Estas três expressões utilizadas pelo veículo forjam lugares para mãe e para o bebê, uma mãe sozinha, apavorada, desassistida e condicionada a esses tormentos pela chegada de uma criança ilustrada pelo veículo como responsável pelo sofrimento dessa mulher.

Em Teresina, capital do Piauí, uma mulher deu à luz na Maternidade Dona Evangelina, mas, ao receber alta, foi embora sem levar o bebê. (29.02.2016, Diário de Notícias)

O bebê com microcefalia surge como uma barreira. Algumas mulheres temem ser abandonadas pelos companheiros, como outras já foram. (27.02.2016, Diário de Notícias)

"Vão ficar com esse fantasma rondando até o sexto mês de gravidez [quando a microcefalia aparece no ultrassom]. (05.02.2016, Folha de São Paulo)

Os três fragmentos acima forjam diferentes lugares para o bebê com microcefalia, no primeiro trecho a criança é abandonada na maternidade após ter recém-nascido. A mãe conforme a notícia ao receber alta vai embora sem levar o bebê. No segundo trecho a criança com microcefalia surge como uma barreira para mãe na continuidade da relação com o companheiro, supostamente pai do bebê. Mostrando uma responsabilização somente da mulher para com esse filho com microcefalia. No terceiro fragmento destacado a criança com microcefalia surge como um fantasma que assombra a dúvida da possível mãe, até o sexto mês de gestação, período hábil para confirmação do diagnóstico da doença.

O ministro da Saúde Marcelo Castro afirmou que o governo tem "convicção" e que está no caminho certo. Segundo ele, a imagem de bebês com microcefalia é "devastadora". "É uma coisa nova, assustadora, que está ocorrendo na história da humanidade. " (01.03.2016, Folha de São Paulo)

Ministro elogia alunos com 'crânio normal' ao falar em Escola sobre a zika. (12.03.2016, Folha de São Paulo)

Novamente nos dois trechos destacados se constrói através do discurso de uma autoridade, de gênero masculino, Ministro da Saúde do país, um lugar no campo do anormal, do indesejado para criança com microcefalia. Uma imagem devastadora, sua ausência é motivo para elogio do ministro em escola, pois aquelas crianças ali presentes são "normais".

Alessandra e o marido, o motorista Ivan Lima, de 38 anos, que apoiou o gesto da mulher, foram à Defensoria Pública de Pernambuco para entrar com o processo de guarda oficial de José Pedro, bebê portador de microcefalia, hoje com 6 meses. (29.02.2016, Diário de Notícias)

Em um total de 20 notícias analisadas foram encontradas somente uma fala proferida sobre o homem Pai de um bebê com microcefalia, ainda que esse não é o pai biológico. Em relação aos pais das crianças, supostos companheiros das mulheres mães, as menções a esses homens são quase inexistentes, mostrando a transferência da responsabilidade do cuidado das crianças com microcefalia para a mulher mãe. Esse fato fortalece as relações de poder de um gênero sobre o outro, no que diz respeito a criação de um filho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da análise das notícias selecionadas, aponta-se como resultados a produção de uma epidemia de significação simultaneamente à profusão discursiva sobre a epidemia de zika. Diversos especialistas, quase todos homens, proferem seus aconselhamentos às mulheres acerca de como cuidarem dos seus corpos, de como verificarem os sintomas da doença e expressando a necessidade de evitarem a gravidez. Por um lado, responsabilidades acerca do planejamento reprodutivo são transferidas e intituladas direta e unicamente às mulheres mães. Por outro, reacende-se o debate acerca da permissão do aborto nos casos de microcefalia. Apenas um pai é citado em todas as notícias selecionadas, sendo esse o pai adotivo de uma criança com microcefalia o que aponta para a quase total invisibilidade dos homens no que tange às implicações da epidemia. As crianças são representadas como anormais, seres que trazem a infelicidade à mãe.

REFERÊNCIAS

- MISKOLCI, Richard. Estética da Existência e Pânico Moral. In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo. (orgs.) **Figuras de Foucault**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006, pp.227-238.
- COSTA, Marisa Vorraber. (org.) **Caminhos investigativos II** – outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A. 2002.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola. 1996 (2009).
- LOURO, Guacira L. **Um corpo estranho** – ensaios sobre teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica. 2004.
- MEYER, Dagmar E.E. **Gênero e Educação: teoria e política**. In: LOURO, G. VILODRE, S. FELIPE, J. (orgs). **Corpo, Gênero e Sexualidade – Um debate contemporâneo na educação**. Petrópolis: Vozes. 2005. p. 9-27.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Pedagogia dos monstros** – os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Belo Horizonte: Autêntica. 2000.
- HUNT, Arnold. Moral Panic and Moral Language in the Media. **The British Journal of Sociology**, vol. 48(4), 629-648, 1997.
- SILVA, Tomaz, Tadeu (org). **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica. 2004.